

## ULTRAPASSANDO AS FRONTEIRAS DA LINGÜÍSTICA: O ESTRUTURALISMO NA DÉCADA DE SESSENTA

Marluza Terezinha da Rosa e Priscila Finger do Prado<sup>®</sup>

### Resumo<sup>®1</sup>

Sabe-se que a noção de estrutura é de extrema importância para os estudos lingüísticos de uma forma geral, levando isso em consideração, buscou-se através da obra **História do Estruturalismo** de François Dosse, realizar um breve estudo a respeito desse conceito, tendo como base a referência aos estudos de Michel Foucault e de Georges Duby, os quais dizem respeito às práticas discursivas e à historicização da estrutura, desenvolvidos por esses autores nas obras **L'archeologie du savoir**, **Surveiller et punir** e **Les trois ordres ou l'imaginaire du féodalisme**.

Palavras-chave: Lingüística, estrutura, história

### Introdução

Sabe-se que foi devido ao Estruturalismo que a lingüística tornou-se uma ciência com um corpus definido. Porém, esse movimento não colaborou apenas com os estudos lingüísticos, e, na década de 60, expandiu-se de forma quase vertiginosa por outras ciências, como a História, a Arqueologia, a Literatura e a Filosofia.

Para traçar um parâmetro do que foi o Estruturalismo por volta dos anos sessenta na Europa, e demonstrar a sua transdisciplinaridade, François Dosse, em **História do Estruturalismo** apresenta as idéias e o trabalho feito por importantes seguidores do Estruturalismo, dentre eles Duby e Foucault. Estes teóricos, desligando-se um pouco da concepção estruturalista e aliando-se aos historiadores, geraram o que mais tarde seria chamado de Pós-estruturalismo ou Estruturalismo Historicizado e contribuíram muito

para o que hoje é objeto de análise em lingüística, como a aplicação da estrutura e a Análise do Discurso.

O presente trabalho detém-se primeiramente numa reflexão sobre os estudos de Duby e a aplicação dos mesmos à história e, posteriormente, em duas obras de Foucault: **L'archeologie du savoir** e **Surveiller et punir**, as quais referem-se ao campo do discurso e aos efeitos do poder, vistos como estrutura, respectivamente.

### 1. Duby e a estrutura tripartida

Georges Duby é seguidor da corrente althusseriana e interpreta-a como uma "complexificação do marxismo". Voltando-se para a história, Duby propõe uma leitura dos fenômenos estruturais relacionados com a diacronia e aliando o estruturalismo ao marxismo.

Posteriormente, Duby dedica-se ao imaginário, ao simbólico e sugere aos historiadores o programa da história das mentalidades, o que, segundo ele, seria o ápice da história social. A apresentação desse programa está presente no livro **Les trois ordres ou l'imaginaire du féodalisme**, o qual conta com o apoio de Dumézil. Duby apresenta seu método não do ponto de vista de um lingüista, mas do de um historiador social. Dumézil considera a estrutura do mito, já Duby acredita que a estrutura apenas sugere, enquanto a história estabelece normas, ordena. Por isso Duby estuda o contexto histórico, geralmente de conflitos que necessitavam ser reprimidos. Nesse campo, o ideológico desempenha a

função do social, organizando as relações de produção e exercendo domínio sobre a sociedade feudal. “A esfera ideológica desempenha nesse caso o papel do lugar da ausência, o modelo perfeito do imperfeito” (DOSSE, 1994: 264).

À maneira de Dumézil, Duby lança um esquema trifuncional, o qual resulta de um estudo sobre a revolução feudal do século XII, época na qual ocorre o regresso de alguns valores ideológicos. A descentralização do poder monárquico e a oposição entre o sistema militar (que agora ocupa o centro do corpo social) e a sociedade remetem a uma ausência de uma unanimidade ideológica, que precisa ser alcançada. A revolução feudal necessita de algo que legitime o poder de uma minoria e a submissão da massa.

“Oratores, bellatores, laboratores” (há os que rezam, os que guerreiam e ainda os que trabalham), essa estrutura apresentada pelos bispos Gérard de Cambrai e Adabéron de Laon, vai permitir que Duby justifique a centralização do poder econômico e político nas mãos de poucos privilegiados, assim como a cumplicidade do clero e do exército, que visam a substituir a monarquia e evitar a revolta da população, fato este que resultaria na queda do sistema. Mais tarde, devido à ascensão da burguesia, essas três classes seriam divididas, constituindo a sociedade francesa. Dessa forma, passa-se novamente do ideológico ao social.

Com base nessa abordagem, Duby prova que não se pode descartar a história do estudo da estrutura, pelo contrário, “uma estrutura simbólica deve ser estudada em seu processo de historicização” (DOSSE, 1994: 265). A estrutura, portanto, não é vista como um recurso contra a história, mas como

algo capaz de unir pontos de vista, em princípio, conflitantes.

## 2. Foucault e a arqueologia

A obra **L'archéologie du savoir** visa a suprir a falta de quadro metodológico dos estudos anteriores e, segundo Dosse, responder às críticas recebidas por Foucault. Nessa época de defasagem do estruturalismo, esse teórico distancia-se um pouco de suas concepções estruturalistas para aliar-se aos historiadores. Seu intuito, no entanto, não é dedicar-se ao estudo da história, mas *desconstruí-la* de dentro para fora, à maneira de Nietzsche (baseando-se na genealogia) e, para tanto, compara seu estudo ao de um arqueólogo: “o arqueólogo procede à maneira do geólogo, contenta-se em fazer aflorar ao nível do saber os diferentes estratos acumulados, justapostos pelo tempo, e em localizar as discontinuidades e rupturas que afetaram sua sedimentação” (DOSSE, 1994: 271).

O principal objetivo de Foucault em **L'archéologie du savoir** é a crítica voltada para a filosofia analítica. Dessa forma, o enfoque da obra dirige-se ao sujeito visto em sua descentração, diferentemente da concepção da antropologia humanista.

Nessa obra, o conceito de episteme, paradigma no qual estruturam-se os saberes científicos, é abandonado por Foucault. Ele considera a noção de prática discursiva. Desse modo, afasta-se do modelo estrutural da esfera do discurso e aproxima-se do marxismo. No entanto, Foucault ainda privilegia o campo discursivo, que passa a ser visto como prática discursiva no limite, e não no interior do discurso.

A união do descontínuo e do mutacionismo de Foucault à história cria um aparente paradoxo, apenas

aparente, pois Foucault percebe que tudo o que se relaciona à história gira em torno da estrutura e isso leva também os historiadores a privilegiar as descontinuidades. O surgimento dessa nova forma de conceber a história possibilita o desenvolvimento de um estruturalismo historicizado, mais aberto e que mais tarde passaria a ser chamado de pós-estruturalismo.

Apesar de não se dedicar ao estudo da história, Foucault consegue a adesão dos historiadores, os quais abandonam a hermenêutica (interpretação filosófica), as sínteses e as pesquisas de continuidade e adotam a perspectiva do arqueólogo, considerando a *desconstrução* da sua disciplina como suporte teórico para sua prática.

Além da filosofia analítica, Foucault também reage contra o cientismo pois, segundo sua visão relativista, não há nada que possa ser fundamentado. Além disso, seu método positivista de estudo evita que a interpretação seja feita, deixando que as práticas discursivas manifestem-se em seu “dito” e “não-dito”; o não-dito, segundo Foucault, supõe que tudo o que o discurso formula já está articulado em um “meio-silêncio”.

Foucault opõe à pragmática da filosofia analítica uma autonomização da esfera discursiva, pois para ele a compreensão dos atos da linguagem é insignificante, sendo mais útil atentar para os enunciados no interior das formações discursivas, caracterizadas como sistemas semelhantes e regulares de dispersão entre certo número de enunciados. Assim, Foucault retoma a lingüística estrutural, pois esta possibilita abordar a língua descritivamente. Para esse teórico, a descrição dos enunciados e de sua função enunciativa resulta numa neutralidade absoluta exterior à

enunciação enquanto ato, diferente da filosofia analítica, que busca na enunciação a eficácia e o sentido. Foucault limita-se ao estudo do enunciado: “Tentei descrever relações entre enunciados. Tive o cuidado de não admitir como válida unidade alguma dessas que me podiam ser propostas e que o hábito punha a minha disposição [...] decidi-me a descrever enunciados no campo do discurso e as relações de que são suscetíveis” (FOUCAULT, 1972: 43). Dosse (1994: 274) afirma, nesse sentido, que

Para Foucault, a noção de enunciado ou de formação discursiva não depende de conceitos de conteúdo empírico. A sua abordagem se situa nos limites do discurso para concentrar-se em suas condições de possibilidade, e não no nível do conteúdo ou do sentido da permuta discursiva.

Embora Foucault dedique-se ao estudo das formações discursivas, ele não faz uso somente dos métodos descritivos da língua (a arqueologia), mas a utiliza como uma terceira técnica de formalização lingüística, juntamente com a semiótica e a hermenêutica. A arqueologia também se situa entre o estruturalismo e o materialismo histórico.

O conceito central de **L’archeologie du savoir** é o discurso, visto como a dimensão da estrutura e do evento, pois apesar de conter as regras da língua ele não se limita exclusivamente a ela, uma vez que engloba também a fala. Daí resulta uma tensão constante, já que o discurso não pode fechar-se sobre si mesmo nem ser elucidado por elementos exteriores à linguagem. Mesmo abordando o discurso de uma perspectiva estruturalista, é como filósofo e não como lingüista que Foucault o faz,

porque se distancia dos discursos para estudá-los em um nível diferente do qual estes são produzidos.

A noção de episteme, abandonada em **L'archeologie du savoir**, é substituída pela de prática discursiva e, através de uma abordagem materialista, Foucault estuda as relações entre práticas discursivas e práticas não-discursivas. A prática discursiva situa-se no interior de práticas não-discursivas, as quais lhe servem de elemento geral, e essa relação é tida como necessária.

A publicação de **L'archeologie du savoir** contribui para o aumento das posições anti-humanistas no contexto intelectual da época. O objetivo de Foucault: "descentrar o homem, o autor, o sujeito, o locutor e, ao mergulhá-lo nas regularidades discursivas, anunciar uma nova era, aquela no decorrer da qual se poderá escrever evitando ter um rosto" (DOSSE, 1994: 278), parece ter sido alcançado. Procurando desprender-se de si mesmo, ele posiciona-se contra o humanismo e a teoria do sujeito; e a arqueologia, a via neo-estrutural lançada por ele, passa a permitir o acesso a novas áreas de criação.

### 3. A relação ser/ não ser

Em **Surveiller et punir**, publicado em 1975, Foucault baseia-se na relação "ser (corpo) não-ser (poder)", ou seja, na dominação que o poder exerce sobre o indivíduo. Essa relação se dá também ao nível da discursividade, pois esta é abrangida pelo campo do saber, o qual se relaciona intimamente com o poder. Para Foucault, o poder não assume uma única dimensão, ele está em toda parte e em cada indivíduo.

Foucault faz uma abordagem da história como genealogia. "O sujeito, no quadro da genealogia, não é pertinente nem no plano individual, nem no

coletivo, ele só pode ser o objeto dos múltiplos dispositivos de forças repartidas, sem centro, no espaço social" (DOSSE, 1994: 282). Dessa forma, ele centra sua atenção sobre o corpo, marginalizado pela história, mas que, no entanto, constitui a base desta. Foucault volta-se novamente ao discurso, dessa vez, articulando-o ao corpo.

Pela perspectiva genealógica, o saber não é fundamentado nem objetiva, nem subjetivamente e os efeitos da ciência são geralmente efeitos de poder, que nesse caso significa estrutura. Através dele, pode-se explicar as diversas maneiras de sujeitar o corpo e criticar a razão. Para Foucault, o poder é uma categoria estruturalista.

Nessa mesma época, Foucault se envolve com as chamadas "frentes secundárias", com o intuito de conhecer as práticas repressivas do poder nas penitenciárias. De acordo com François Dosse (1994: 284),

Essa obra [*Surveiller et punir*] situa-se na encruzilhada de vários caminhos. Ela ilustra bem a vontade, expressa em *L'archeologie du savoir*, de superação do campo da discursividade para estabelecer o vínculo entre práticas discursivas e práticas não-discursivas. Mas, ao mesmo tempo, é a expressão do programa genealógico de pesquisa dos pontos de aplicação do poder sobre o corpo e de localização do modo de problematização da prisão num momento muito preciso da história ocidental. Foucault adota como objeto particular de estudo a prisão como modalidade, entre outras, de exercício de poder.

As práticas repressivas do poder se refletem no corpo do condenado, desde a exploração de seu crime até sua prisão e seu castigo, visto como uma forma de justiça, mas que só reativa a

dominação. O corpo assume a posição central no dispositivo do poder.

A opinião de Foucault vai de encontro à da história, a qual acredita que o Iluminismo, por exemplo, tenha sido um momento de emancipação; para ele o exagerado aumento do saber nessa época reflete num também exagerado aumento do poder. Logo, oculto em toda essa emancipação está o controle dos corpos, manifestado por meio de uma sociedade repressiva.

## CONCLUSÃO

Dessa forma, a partir dos estudos sobre Foucault e Duby, fica claro o lugar de destaque destes na História do Estruturalismo. Para Dosse, Foucault, através do que chamou de “desconstrução da história” e Georges Duby, com o programa das mentalidades e o esquema trifuncional, na tentativa de conciliar marxismo e estruturalismo, foram nomes que figuraram no cenário da década de sessenta, aplicando a noção de estrutura a diversas áreas de estudo. Ultrapassando as fronteiras da lingüística e da filosofia e avançando para outros campos como o da história e da literatura, esses teóricos contribuíram também para a união das ciências sociais e humanas.

## Referências Bibliográficas

DOSSE, François. *História do Estruturalismo, v.2: o canto dos cisnes de 1967 aos nossos dias*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas: Unicamp, 1994.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1972.

## NOTAS

<sup>0</sup> Acadêmicas do 4º semestre do curso de Letras, integrantes do Grupo de Estudos Lingüísticos de Santa Maria.

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido no Grupo de Estudos Lingüísticos da UFSM,

coordenado pela profª Drª Amanda Eloina Scherer.